

Carta Aberta da Rede não Cala sobre o CRUSP

À Comunidade da Universidade de São Paulo

Colegas docentes, servidoras(es) e estudantes,

A Rede Não Cala de Professoras e Pesquisadoras da USP pelo fim da violência sexual e de gênero considerou necessário e oportuno comunicar sua posição em relação à crise atual do CRUSP – Centro Residencial da Universidade de São Paulo. A Rede reconhece a importância histórica, social, cultural, acadêmica e política da moradia estudantil como lugar de formação, convivência e apoio à permanência e foi chamada a participar, desde sua constituição, de questões relativas ao CRUSP. Assim, atendendo a chamados de estudantes, professoras da Rede produziram, em março de 2017, um relatório substancial sobre o problema da violência de gênero na moradia e, mais recentemente, no contexto da pandemia, também produziu relatório que apontou para a ampliação do abandono e do desamparo institucional de estudantes, usado para exigir da gestão da USP ações efetivas de amparo ao corpo discente.

As ações constantes da Rede implicaram numa presença próxima e prolongada, permitindo compreender as condições precárias da vida material na moradia, bem como construir algum entendimento sobre a complexidade de conflitos e problemas envolvendo moradores(as) e gestão USP, especialmente num contexto em que sucessivas gestões, na melhor das hipóteses, se omitiram de atuar adequadamente em relação ao CRUSP.

A Rede entende que a questão do CRUSP envolve três pontos fundamentais: 1) a necessidade de melhoria das condições físicas dos prédios, que apresentam problemas estruturais que colocam em risco a vida e a segurança de moradores(as); 2) a urgência na criação de canais efetivos e democráticos de diálogo e negociação entre moradores(as) e órgãos da gestão, para construir novas regras de convivência e para elaborar planos de recuperação dos patrimônios material e imaterial do CRUSP; 3) a regularização da ocupação do espaço de moradia, lidando com situações como a de estudantes que permanecem tempo exageradamente prolongado, pessoas que habitam apartamentos sem estarem registradas ou sem possuírem vínculo com a

universidade e inúmeras irregularidades que impedem a ampliação da oferta de moradia para estudantes que ingressaram na USP e dela necessitam.

Encontramos, nesses contatos, sofrimento emocional, precariedade financeira, vulnerabilidade social, violência física, emocional e sexual, medo de ali permanecer, entre outras experiências, que são resultado, principalmente, do abandono a que o CRUSP foi relegado durante muitos anos.

Entendemos que a atual gestão da PRIP - Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento, por meio da coordenadoria Vida no Campus, tomou a acertada decisão de buscar cuidar do CRUSP. No entanto, suas ações estão suscitando resistência, em muitos casos violenta, por parte de pessoas que parecem ter criado regras próprias, sentindo-se prejudicadas em seus interesses que podem não ter relação com a vida acadêmica e nem com o apoio necessário à realização de seus estudos. Temos observado atônitas o uso de campanhas de desinformação, com a disseminação de boatos tais como: instalação de catracas, expulsão sumária de moradores(as), impedimento de recebimento de diploma, entre outros. Tais desinformações são irreais frente aos próprios processos da Universidade, mas, infelizmente, caem no terreno fértil do pânico cotidiano vivido por estudantes. Nos assusta perceber o uso deste tipo de estratégia, quando há tentativas de estabelecer diálogo com moradores(as). Estratégias que, na prática, recusam possíveis transformações significativas do CRUSP, ao deslegitimar ações que têm desafiado atitudes e posturas que podem beneficiar apenas alguns grupos e que, muitas vezes, não se pautam pela discussão aberta e transparente com o conjunto de envolvidos(as), incluindo aí a gestão da moradia.

Somos amplamente favoráveis e praticantes da democracia e do diálogo; o espaço público, como é o caso da moradia estudantil, não pode ser transformado em terra de ninguém, lugar de anomia, regido pela violência de facas e socos, por atos racistas e pelo silenciamento de vozes dissonantes, em que a vontade de alguns venha a se impor pela truculência e pela manipulação.

Entendemos que as representantes da PRIP, especialmente a coordenadora da Vida no Campus, Profa. Dra. Marie Claire Sekkel, têm agido com abertura e escuta. Entendemos também que qualquer ação está sujeita a controvérsias e a erros, mas que um espaço de discussão efetivo tem sido buscado o que, como já apontamos, deve ser valorizado. Algumas iniciativas

mostram claramente a disposição para a conversa e a participação: o Fórum de entidades apoiadoras do CRUSP articulado em torno do Centro de Saúde Escola do Butantã; a presença constante de gestores(as) nas dependências da moradia; o atendimento a demandas urgentes; a comunicação com estudantes por diversos meios; o chamado para participação em ações coletivas, entre outras.

Avaliamos, portanto, que a disposição da PRIP foge à histórica trajetória que oscilou entre abandono e autoritarismo institucional na condução dos problemas do CRUSP que, pensamos, escancaram problemas que são de toda a USP.

Imaginamos que uma moradia estudantil inclusiva, gerida de maneira democrática, constituída como lugar de convivência, debate, troca e formação existencial e intelectual será exemplo e espelho de uma universidade igualmente democrática, justa e igualitária.

Não podemos perder a oportunidade conjunta de retirar o CRUSP da situação de abandono em que se encontra, encaminhando e cuidando dos complicados conflitos ali presentes, realizando as reformas estruturais necessárias para a melhoria de suas instalações físicas; repactuando regras de convivência e critérios de permanência; reinstalando práticas de participação e decisão democráticas do coletivo. E, mais do que consertar o que pede conserto, parece que se apresenta a ocasião para sonhar com ir adiante, buscando a criação de vagas de moradia para todos(as) os(as) estudantes que delas precisam, inventando formas de transição ou programas de saída para quem se forma, aperfeiçoando os canais e meios de comunicação, valorizando a informação e o debate que contribuam para a construção do CRUSP que queremos, um lugar para se habitar com dignidade e tranquilidade.

São Paulo, 27 de dezembro de 2022